

NOVA POLÍTICA INDUSTRIAL NORTE-AMERICANA E SUAS REPERCUSSÕES NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Umberto Celli Júnior¹

Luna Ferreira Coelho²

Resumo: O presente artigo examina a trajetória da política industrial dos Estados Unidos, destacando a transição do paradigma liberal/neoliberal para um modelo com explícita intervenção estatal. Embora políticas industriais não sejam novidade na história norte-americana — com exemplos que vão do *New Deal* às medidas “disfarçadas” do governo Reagan e aos programas pós-crise de 2008 —, a forma unilateral e agressiva adotada pela administração Trump marca uma ruptura significativa. A imposição de tarifas em larga escala, sobretudo contra a China, a ênfase no *reshoring* e nas cláusulas de “*Buy American*”, bem como a retórica de enfrentamento aos parceiros comerciais, revelam um afastamento dos princípios multilaterais que moldaram o sistema internacional no pós-guerra. Assim, o artigo analisa a política industrial trumpista sob duas perspectivas: como continuidade de uma tradição legítima de fortalecimento econômico e tecnológico, e como ruptura normativa que fragiliza a governança multilateral, gera tensões comerciais e ameaça a estabilidade das cadeias globais de valor.

Palavras-chave: Política industrial; Neoliberalismo; Protecionismo; Multilateralismo; Estados Unidos.

Abstract: This article examines the trajectory of the United States’ industrial policy, highlighting the transition from the liberal/neoliberal paradigm to a model of explicit state intervention. Although industrial policies are not new in U.S. history — with examples ranging from the New Deal to the “disguised” measures of the Reagan administration and the post-2008 crisis programs — the unilateral and aggressive approach adopted by the Trump administration represents a significant rupture. The imposition of large-scale tariffs, especially against China, the emphasis on *reshoring* and “*Buy American*” provisions, as well as the confrontational rhetoric toward trade partners, reveal a departure

¹ Professor titular de Direito Internacional da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FDRP/USP).

² Graduanda em Direito pela Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FDRP-USP).

from the multilateral principles that shaped the post-war international system. Accordingly, this article analyzes Trumpist industrial policy from two perspectives: as a continuation of a legitimate tradition of economic and technological strengthening, and as a normative rupture that undermines multilateral governance, generates trade tensions, and threatens the stability of global value chains.

Keywords: Industrial Policy; Neoliberalism; Protectionism; Multilateralism; United States.

1. Introdução

Os Estados Unidos durante toda a sua história adotaram políticas industriais como instrumento essencial para estruturar sua base produtiva, apoiando setores estratégicos e assegurando a posição do país na economia global. Se durante grande parte do século XX prevaleceu a lógica financeira e de mercado associada a Wall Street — pautada pelo livre-comércio, pela globalização e pelo protagonismo do capital privado —, o cenário atual revela uma inflexão: as decisões de política econômica retornam ao centro de Washington, traduzindo-se em programas governamentais, subsídios diretos e tarifas protecionistas. Essa transição de eixo, de Wall Street a Washington, simboliza não apenas uma mudança de prioridades, mas também um novo paradigma geoeconômico, no qual o modelo neoliberal parece perder espaço para uma conduta de maior intervenção estatal na organização produtiva e tecnológica do país.

Nesse contexto, observa-se que, embora políticas industriais não sejam novidade na história estadunidense — com exemplos que vão do *New Deal* à política “disfarçada” do governo Reagan e aos programas de estímulo pós-crise de 2008 —, a forma como a administração Trump vem conduzindo esse processo marca uma ruptura significativa³. A adoção de tarifas em larga escala, em especial contra a China, a ênfase no *reshoring*⁴ e nos requisitos de “*Buy American*”, bem como a retórica

³ CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *1945-1984: ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos Estados Unidos*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec, 2009. (Cadernos Cedec, n. 82, Edição especial Cedec/INCT-INEU). Disponível em: <<https://cedec.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CAD82.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2025

⁴ “Consiste no processo de trazer de volta para o país de origem as atividades de produção que haviam sido transferidas para o exterior, seja por meio de *offshoring* (países distantes) ou *nearshoring* (países próximos)” (Tradução livre). LIMA,

de enfrentamento aos parceiros comerciais, indicam uma guinada unilateral que tensiona o multilateralismo construído no pós-guerra.

Este artigo propõe-se a analisar a política industrial trumpista sob duas lentes complementares: primeiro, como continuidade de uma tradição econômica legítima de desenvolvimento nacional e fortalecimento tecnológico; segundo, como ruptura normativa que, ao descartar o multilateralismo, pode comprometer os mecanismos de regulação internacional, gerar tensões com parceiros comerciais, disparidades e efeitos adversos sobre cadeias globais de valor.

Ao longo do texto, será demonstrado que, embora a política industrial seja inerente à trajetória estadunidense, sua implementação atual parece insustentável e ameaça gerar mais custos do que benefícios no médio prazo, especialmente se mantida em isolamento em vez de integrada a uma governança internacional.

2. O paradigma neoliberal clássico

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo viveu um período de forte crescimento econômico, que durou aproximadamente três décadas. Esse tempo, conhecido como “Milagre Econômico”⁵, foi marcado por grandes transformações sociais. Nos Estados Unidos, a produção em massa, impulsionada pelo Fordismo e pelo Taylorismo, sistemas que, no início do século XX, ganharam um novo impulso e permitiram a universalização do automóvel. Outros fatores também contribuíram para a expansão e as mudanças da sociedade, como a modernização do campo com a adoção de novas tecnologias e defensivos agrícolas, e a entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho. Além disso, a sociedade viu a expansão de políticas de proteção social e novas mudanças no padrão de consumo. O Toyotismo, um novo modelo de

Orlem Pinheiro de; MADURO, Márcia Ribeiro; CORREIA FILHO, Wladimir Leite; GONÇALVES, Hiram de Melo; SIMONETTI, Gabriele Roberto; AMORIM, Apolo. Logistics and Global Strategy: Impacts of Offshoring, Nearshoring and Reshoring on Supply Chains. Revista de Gestão - RGSA, São Paulo (SP), v. 19, n. 2, p. e011218, 2025. Disponível em: <https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/view/11218>. Acesso em: 15 ago. 2025.

⁵ CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *1945-1984: ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos Estados Unidos*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec, 2009. (Cadernos Cedec, n. 82, Edição especial Cedec/INCT-INEU). Disponível em: <<https://cedec.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CAD82.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2025.

produção que se desenvolveu no Japão no pós-guerra, se popularizou em todo o mundo nas décadas seguintes e influenciou o modo de produção das indústrias globais. Essa era de prosperidade transformou a economia e a sociedade, estabelecendo as bases para o mundo moderno⁶.

Nos Estados Unidos, em 1929, com a quebra da bolsa de valores de Nova York, a economia norte-americana que parecia viver seus tempos áureos entrou em recessão e o impacto foi sentido no globo. Era o fim do “Milagre Econômico” e o início do período denominado de “Grande Depressão”. A resposta estadunidense para esse fenômeno foi a criação da Lei Smoot-Hawley, aprovada pelo Congresso em 17 de junho de 1930, a qual elevou drasticamente as tarifas alfandegárias com o propósito de proteger o produtor americano contra práticas comerciais consideradas desleais por concorrentes externos⁷.

Pouco depois, em abril de 1933, ainda em meio à “Grande Depressão”, o então presidente Franklin D. Roosevelt determinou a desvalorização do dólar. O efeito combinado dessas medidas rigorosas de proteção comercial e das desvalorizações cambiais competitivas resultou na formação de blocos econômicos, na politização do comércio internacional e em uma redução significativa do seu volume. Na interpretação predominante da época, essa sequência de eventos levou à guerra, o que impulsionou a necessidade de recompor o sistema multilateral com a criação de instituições internacionais capazes de garantir a liberalização do comércio e a coordenação de políticas econômicas para evitar a repetição de um cenário similar⁸.

O governo de Ronald Regan (1981-1989), por sua vez, é conhecido pela robusta retórica de não intervenção estatal e tornou-

⁶ CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *1945-1984: ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos Estados Unidos*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec, 2009. (Cadernos Cedec, n. 82, Edição especial Cedec/INCT-INEU). Disponível em: <<https://cedec.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CAD82.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2025.

⁷ BBC NEWS BRASIL. *Como tarifas dos EUA em 1930 arrasaram ainda mais a economia global e agravaram a Grande Depressão*. 8 abr. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cj0zqnn4q9jo>>. Acesso em: 17 ago. 2025.

⁸ CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *1945-1984: ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos Estados Unidos*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec, 2009. (Cadernos Cedec, n. 82, Edição especial Cedec/INCT-INEU). Disponível em: <<https://cedec.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CAD82.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2025.

se símbolo da implementação do modelo econômico neoliberal, supostamente pautado na desregulamentação e no livre-comércio. Na prática, essa rigidez no discurso do livre mercado foi acompanhada de uma “disfarçada” política industrial, a qual concentrou seus esforços na indústria de alta tecnologia e gastos militares, e utilizou-se de medidas comerciais protecionistas e definições expandidas dos termos “reciprocidade” e “práticas não razoáveis” para beneficiar a indústria norte-americana⁹.

Ainda sob a perspectiva da administração do Presidente Ronald Reagan, observou-se a implementação de políticas e agências que, por meio de uma atuação direta do Estado, visaram o incentivo e o fortalecimento de indústrias em setores predominantemente vinculados à alta tecnologia. Essa abordagem foi caracterizada por Robert Reich, em sua coluna de agosto de 1985 intitulada “*U.S. Reagan’s hidden ‘industrial policy’*” no *The New York Times*, como uma “política industrial disfarçada” que já se encontrava em curso desde o início daquela gestão.

A despeito da retórica de não intervenção estatal associada ao neoliberalismo, a administração Reagan desestimulou setores da indústria básica, como aço, automóveis, têxteis e produtos químicos em larga escala, enquanto incentivava o desenvolvimento de ramos de tecnologia de ponta. Estes incluíam informática, lasers, fibras ópticas, novos materiais, produtos de biotecnologia e, notadamente, a produção de novas armas para uso militar. O objetivo declarado era a substituição da indústria de menor valor adicionado por uma mais rentável, inovadora e, portanto, mais competitiva¹⁰.

Para viabilizar essa reestruturação industrial, o governo federal forneceu diversos subsídios fiscais a setores específicos, ampliou significativamente a aquisição de material militar e realizou gastos diretos, vinculados às esferas estaduais, com metas de crescimento para as indústrias almejadas. Essa intervenção estatal, embora “disfarçada”,

⁹ CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *1945-1984: ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos Estados Unidos*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec, 2009. (Cadernos Cedec, n. 82, Edição especial Cedec/INCT-INEU). Disponível em: <<https://cedec.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CAD82.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2025.

¹⁰ YOUNG, Victor Augusto Ferraz. *Neoliberalismo Indústria e o Governo de Ronald Regan*. 1ª de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/sobreeconomia/2022/11/01/neoliberalismo-industria-e-o-governo-de-ronald-regan/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

teve um papel fundamental no direcionamento e no apoio ao desenvolvimento de setores estratégicos da economia estadunidense¹¹.

Nos anos 2000 e após a crise financeira de 2007-2008, houve tentativas de reindustrialização e fortalecimento da tecnologia avançada com programas como o *Manufacturing Extension Partnership* e a *National Network for Manufacturing Innovation*, buscando recuperar a competitividade industrial dos EUA, inclusive com incentivos fiscais e políticas tecnológicas focadas em robótica, inteligência artificial e fabricação aditiva.

Em um resgate ao governo dos Estados Unidos entre 2017 e 2021, Lívio Ribeiro salienta que a estratégia de tarifação de Trump sobre o aço e o alumínio já havia sido implementada em sua primeira administração em 2018, resultando em retaliações de parceiros como União Europeia, China e Brasil. No caso do Brasil, o regime de cotas substituiu as tarifas com acordos que continuaram sob a administração Biden e só viriam a ser desfeitos no novo governo Trump¹².

Em sequência, a política de Biden, de acordo com Glauco Arbix, buscou ativamente remodelar e recriar a dinâmica econômica, em vez de simplesmente se adaptar às lógicas de mercado. Essa nova geração de políticas públicas visaria provocar um impacto significativo tanto na economia americana quanto na global. O governo Biden entendeu que a desaceleração econômica, que supostamente contribuiu para a vitória de Donald Trump em 2016, precisava ser revertida. Ao mesmo tempo, o avanço global da China, em suas vertentes econômica, tecnológica e militar, deveria ser contido¹³.

¹¹ CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *1945-1984: ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos Estados Unidos*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec, 2009. (Cadernos Cedec, n. 82, Edição especial Cedec/INCT-INEU). Disponível em: <https://cedec.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CAD82.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2025.

¹² AMANTÉA, Rose. “América grande novamente”: os prós e os contras da estratégia protecionista de Trump. *Gazeta do Povo*, 12 fev. 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/protecionismo-trump-pros-contras-eua/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

¹³ ARBIX, Glauco. A nova geração de política industrial do governo Biden. *Jornal USP*, 9 fev. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-nova-geracao-de-politica-industrial-do-governo-biden/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Ainda sob a perspectiva de Glauco Arbix,¹⁴ Washington entendia que a posição da China no mercado global foi alcançada em grande parte pela intensa absorção de conhecimento e tecnologia dos Estados Unidos e da Europa. Em resposta a esse cenário, observou-se o desenvolvimento de restrições comerciais, barreiras de defesa tecnológica e um forte movimento de *reshoring*.

Os três programas do governo Biden, em sua análise, teriam sido concebidos para potencializar o investimento público e, sobretudo, atrair e acelerar o investimento privado, e não para substituí-lo. Nesse sentido, grande parte do investimento público foi consolidada na forma de créditos fiscais para empresas. Além disso, os programas procuraram impulsionar mudanças no sistema legal e regulatório e facilitar a atuação dos governos estaduais, que, devido ao federalismo norte-americano, desfrutaram de grande autonomia na definição de suas próprias regras¹⁵.

Atualmente, no segundo governo de Donald Trump, observa-se o rompimento com os princípios neoliberais do livre-comércio e com os mecanismos multilaterais de geopolítica. A estratégia síntese do governo, “*Make America Great Again*”, traduz-se pela imposição de tarifas elevadas sobre aço, alumínio, produtos de alta tecnologia, automóveis e outros produtos, visando proteger indústrias locais. A imposição do chamado “Tarifaço” a parceiros comerciais, sobretudo a China, representa a revogação declarada de uma postura neoliberal e explícita adoção de políticas industriais, sem qualquer diálogo com os mecanismos de regulação comercial.

3. Repercussões jurídicas e geoeconômicas

3.1. Impactos nas regras da OMC

Em seu livro intitulado “*War by Others Means: Geoeconomics and Statecraft*”¹⁶, Robert Blackwill e Jennifer Harris discorreram

¹⁴ ARBIX, Glauco. A nova geração de política industrial do governo Biden. *Jornal USP*, 9 fev. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-nova-geracao-de-politica-industrial-do-governo-biden/>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

¹⁵ ARBIX, Glauco. A nova geração de política industrial do governo Biden. *Jornal USP*, 9 fev. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-nova-geracao-de-politica-industrial-do-governo-biden/>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

¹⁶ BLACKWILL, Robert; HARRIS, Jennifer. *War by other means: geoeconomics and statecraft*. Cambridge: Harvard University Press, 2016. Cf. TROXELL, John

sobre como o uso de instrumentos econômicos, como sanções e políticas comerciais, são, na verdade, uma forma de guerra econômica utilizada pelos Estados em uma demonstração de influência e poder sob o comportamento de outros players no mundo. A geoeconomia, para esses autores, pode ser definida como “uso intencional de instrumentos econômicos para promover e defender interesses nacionais, e produzir resultados geopolíticos favoráveis”¹⁷.

A era de Donald Trump já pode ser usada como um exemplo clássico da geoeconomia, mostrando como o “armamento do comércio” (*trade weaponization*) pode ser utilizado para alcançar objetivos geopolíticos. Como argumentam Blackwill e Harris,¹⁸ ferramentas comerciais — como tarifas — tornaram-se cada vez mais comuns para fins de persuasão ou coerção política. A questão é que, embora o uso desses instrumentos tenha se mostrado eficaz, suas consequências são imprevisíveis, pois conflitos comerciais podem escalar para crises econômicas e até mesmo para conflitos militares, como a história já demonstrou¹⁹.

O sistema multilateral²⁰, resultado do conturbado período de guerras mundiais, pareceu funcionar bem por algumas décadas, sendo

F. Geoeconomics. Military Review, Army University Press, 2016. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/China-Reader-Special-Edition-September-2021/Troxell-Geoeconomics/>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

¹⁷ BLACKWILL, Robert; HARRIS, Jennifer. *War by other means: geoeconomics and statecraft*. Cambridge: Harvard University Press, 2016. Cf. TROXELL, John F. Geoeconomics. Military Review, Army University Press, 2016. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/China-Reader-Special-Edition-September-2021/Troxell-Geoeconomics/>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

¹⁸ BLACKWILL, Robert; HARRIS, Jennifer. *War by other means: geoeconomics and statecraft*. Cambridge: Harvard University Press, 2016. Cf. TROXELL, John F. Geoeconomics. Military Review, Army University Press, 2016. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/China-Reader-Special-Edition-September-2021/Troxell-Geoeconomics/>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

¹⁹ THORSTENSEN, Vera; PRADO, Victor. Da geoeconomia à geopolítica de Trump. *CEBRI-Revista*, 16 jun. 2025, 14. ed. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/195/da-geoeconomia-a-geopolitica-de-trump>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

²⁰ “O multilateralismo pode ser definido como o esforço de estabelecimento de

capaz de oferecer respostas aos conflitos relacionados ao comércio internacional e frear ações protecionistas. Vale lembrar que a Organização Mundial do Comércio (OMC), criada em 1995, sucedeu o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), assinado em 1947. Além disso, no cerne desse sistema comercial multilateral estão os acordos da OMC, com decisões tipicamente tomadas por consenso entre os membros. Esses acordos podem ser definidos como fundamentos legais que regem o comércio internacional, sendo também vinculativos aos governos para que mantenham suas políticas comerciais transparentes e previsíveis²¹.

Todavia, o declínio desse sistema multilateral já mostrava sinais de fragilidade com a dificuldade para conclusão da Rodada Doha²². Nas várias Conferências Ministeriais que se seguiram foram poucos os avanços. Divergências de interesses entre países desenvolvidos e em desenvolvimento bloquearam propostas para a adoção de novos acordos, tais como nas áreas de tecnologia (Comércio Eletrônico), meio ambiente e desenvolvimento sustentável e mudança climática. O Órgão de Apelação da OMC (OA) passou a se defrontar com contenciosos cada vez mais complexos que, segundo os Estados Unidos, resultaram em recomendações que desafiaram os limites de sua competência. Nessa perspectiva, o denominado “ativismo judicial” do OA deveria ser controlado, principalmente após a repercussão no Congresso daquele país do caso *US – Continued Zeroing* (DS350), no qual a

consensos sobre como lidar com temas, problemas e desafios que afetam o conjunto da sociedade internacional ou parte significativa dela.” NASSER, Rabih. *Multilateralismo Comercial em Três Tempos*. *Revista de Direito do Comércio Internacional*. 2021, 4. ed. Disponível em: <https://www.cebri.org/media/docs/4ed-RDCI-Multilateralismo_Come.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2025>. Acesso em: 15 ago. 2025.

²¹ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Normas do sistema multilateral de comércio*. 1 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/politica-externa-comercial-e-economica/organizacoes-economicas-internacionais/normas-do-sistema-multilateral-de-comercio>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

²² “O objetivo da Rodada de Doha era a realização de uma reforma significativa no sistema de comércio internacional por meio da introdução de barreiras comerciais mais baixas e da revisão das regras comerciais. (...) A Rodada foi lançada oficialmente na Quarta Conferência Ministerial da OMC em Doha, Catar, em novembro de 2001 e foi inconclusa” (tradução livre). WORLD TRADE ORGANIZATION. *A Rodada de Doha*. Disponível em: https://www.wto.org/english/tratop_e/dda_e/dda_e.htm>. Acesso em: 15 ago. 2025.

legalidade da regulação sobre medidas antidumping foi questionada. A crescente disputa comercial e tecnológica entre os Estados Unidos e a China acelerou o processo de medidas dos Estados Unidos voltadas a enfraquecer as regras do multilateralismo comercial baseadas no princípio da não-discriminação, que se desdobra na Cláusula de Nação Mais Favorecida e no Tratamento Nacional, dois pilares do livre comércio.

O posicionamento, ou ao menos o discurso, sobre o liberalismo/neoliberalismo comercial do grande ator global mudou. De baluartes de um sistema multilateral baseado em regras (*rule-oriented*), os Estados Unidos passaram a adotar políticas comerciais contrárias ao sistema multilateral e a implantar, explicitamente, medidas protecionistas.

A estratégia do que se pode chamar de Política de Estado foi concebida para, em primeiro lugar, preparar o país para adotar tais políticas comerciais sem correr o risco de ser sancionado pelo OA. Isso deveria passar, como de fato passou, pelo desmantelamento do OA, o qual teve início no governo do Presidente Obama. O primeiro caso controvertido foi o da cidadã americana Jennifer Hillman. Nomeada inicialmente em 2007, depois de servir como membro do US International Commission, os Estados Unidos se recusaram a apoiar sua renomeação em 2011. Nunca houve garantia de renomeação para membro do OA²³.

No entanto, até então, nenhum membro efetivo da OA havia deixado de ser renomeado e Hillman não poderia cumprir outro mandato de quatro anos, porque, segundo os Estados Unidos, havia falhado ostensivamente em defender as perspectivas e interesses daquele país. Sucessivamente, os Estados Unidos seguiram bloqueando a recondução dos membros ao OA, até torná-lo disfuncional em 2020.²⁴ Estava aberto o caminho para a Política de Estado Exacerbada do Governo Trump.

Em suma, a interdependência, que era um pilar da ordem geoeconômica liberal, agora é vista sob uma nova luz. Quando

²³ CELLI JUNIOR, Umberto. *A disfuncionalidade do sistema de solução de controvérsias da OMC*. Múltiplos olhares sobre o direito: homenagem aos 80 anos do Professor emérito Celso Lafer. Tradução. São Paulo: Quartier Latin, 2022. Acesso em: 15 ago. 2025.

²⁴ CELLI JUNIOR, Umberto. *A disfuncionalidade do sistema de solução de controvérsias da OMC*. Múltiplos olhares sobre o direito: homenagem aos 80 anos do Professor emérito Celso Lafer. Tradução. São Paulo: Quartier Latin, 2022. Acesso em: 15 ago. 2025.

a dependência mútua começa a gerar ganhos significativos para Estados rivais, o estado hegemônico perde o interesse e passa a agir para dismantlar essa nova organização econômica, sob a pena de enfraquecer as próprias estruturas e instituições que ele anteriormente estabeleceu²⁵.

3.2. *A Era Trump e a (não tão) nova estratégia de política industrial*

Sob a perspectiva da política industrial enquanto um planejamento do governo, cabe ressaltar a análise feita por Ian Fletcher, Marc Fasteau²⁶, os quais entendem que, nos últimos quinze anos, se observou um ressurgimento gradual, e muitas vezes não explicitado, da política industrial no cenário político dos Estados Unidos. Um exemplo emblemático dessa tendência foi o resgate da indústria automobilística entre 2008 e 2010, que se configura como um clássico ato de política industrial. Mais recentemente, a administração do Presidente Joe Biden implementou programas como a Lei CHIPS, a Lei de Infraestrutura Bipartidária e a Lei de Redução da Inflação (IRA), que, combinados com suas justificativas explicitamente pró-política industrial, representaram um avanço substancial, na visão de Fletcher²⁷.

A Lei de Redução da Inflação (IRA) incorporou requisitos de “Compre Americano” (*Buy American*), embora com isenções limitadas²⁸. Paralelamente, a Lei CHIPS e Ciência (*CHIPS Act*) foi concebida para incentivar tanto empresas americanas quanto estrangeiras a estabelecerem e expandirem fábricas de semicondutores avançados dentro do território dos Estados Unidos.

²⁵ THORSTENSEN, Vera; PRADO, Victor. Da geoeconomia à geopolítica de Trump. *CEBRI-Revista*, 16 jun. 2025, 14. ed. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/195/da-geoeconomia-a-geopolitica-de-trump>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

²⁶ FLETCHER, Ian; FASTEAU, Marc. *Industrial policy for the United States: winning the competition for good jobs and high-value industries*. Cambridge: Cambridge University Press, 2 jan. 2025.

²⁷ FLETCHER, Ian; FASTEAU, Marc. *America's return to industrial policy*. Essays, Merion West, 17 out. 2024. Disponível em: <<https://www.merionwest.com/americas-return-to-industrial-policy/>>. Acesso em: 5 set. 2025.

²⁸ FLETCHER, Ian; FASTEAU, Marc. *Industrial policy for the United States: winning the competition for good jobs and high-value industries*. Cambridge: Cambridge University Press, 2 jan. 2025.

Essas legislações consolidaram um conjunto de princípios-chave para a política industrial, os quais estabelecem que: (i) a liderança econômica e tecnológica em indústrias civis, não se limitando apenas ao setor de defesa, é crucial para a segurança nacional; (ii) a capacidade de manufatura, e não apenas a inovação ou invenção, é um pilar essencial para a prosperidade econômica; e (iii) é indispensável um investimento governamental em larga escala para apoiar e fortalecer a manufatura americana em setores de alta tecnologia e outras indústrias economicamente estratégicas²⁹.

Alguns anos depois, em 2025, o segundo governo Trump teve início e está sendo marcado pelo “tarifaço” imposto sobretudo à China, mas que abarca também diversos países do mundo. Destaca-se que os principais pontos do programa econômico do novo governo e os novos rumos de sua política tarifária já haviam sido publicamente apresentados no *Presidential Memorandum “America First Trade Policy”*, divulgado no primeiro dia de seu governo, 20 de janeiro de 2025.

Assim, os Estados Unidos têm defendido a imposição de tarifas como um mecanismo para reduzir déficits comerciais, que, inclusive, seriam causados por práticas desleais de parceiros internacionais e ameaçavam a segurança nacional dos EUA; repatriar atividades industriais para os EUA; gerar receitas capazes de permitir a redução dos impostos; criar empregos para classe operária estadunidense; modernizar a produção industrial e trazer à mesa de negociações os parceiros comerciais dos EUA.

Logo nos primeiros dias da implementação do pacote de medidas, as reações foram imediatas e contundentes. Economistas, ex-secretários de governos democratas e analistas de mercado criticaram duramente as políticas de Trump. Diversos alertas foram feitos para os potenciais impactos inflacionários e o risco de um cenário recessivo para a economia dos EUA, com consequências globais³⁰.

O pacote de tarifas dos EUA visa a reindustrialização do país, buscando trazer de volta indústrias que se mudaram para o exterior,

²⁹ FLETCHER, Ian; FASTEAU, Marc. *America's return to industrial policy*. Essays, Merion West, 17 out. 2024. Disponível em: <<https://www.merionwest.com/americas-return-to-industrial-policy/>>. Acesso em: 5 set. 2025.

³⁰ MENDES, Vinícius. *Como economia virou arma geopolítica de Trump e por que Brasil pode ser um grande perdedor*. BBC News Brasil, 28 ago. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cwy3n8pdxljo>>. Acesso em: 30 ago. 2025.

especialmente para a Ásia. No entanto, o retorno dessas empresas não será simples. A reação do empresariado norte-americano destaca um dilema: para competir com a produção asiática, a reindustrialização nos EUA exigiria um alto nível de robotização. Essa automação massiva, além de demandar uma mão de obra altamente qualificada que o país não forma em velocidade suficiente, pode não gerar os empregos esperados³¹.

Em outros termos, a política industrial adotada tem baixa probabilidade de alcançar os resultados pretendidos, mas, tem forte potencial de gerar importantes efeitos adversos nocivos à economia norte-americana. Nesse sentido, um cenário provável é que, mesmo que a indústria de setores tradicionais, como aço e automóveis, retorne, ela será inevitavelmente automatizada para se manter competitiva e não alcançará o objetivo de empregar a mão-de-obra sem qualificação norte-americana.³²

3.3. *Consequências para as cadeias de valor global*

O neoprotecionismo³³ pode ser entendido como uma forma de reação às recentes mudanças que alteram as cadeias globais de valor (GVCs), como as mudanças climáticas, as pandemias e os conflitos geopolíticos, com o inegável embate entre Estados Unidos e China. Com o recorte para a economia norte-americana, os subsídios à indústria nacional e a imposição de grandes tarifas são usados em nome da realocação da produção local (*reshoring*), uma nova regionalização,

³¹ THORSTENSEN, Vera; PRADO, Victor. Da geoeconomia à geopolítica de Trump. *CEBRI-Revista*, 16 jun. 2025, 14. ed. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/195/da-geoeconomia-a-geopolitica-de-trump>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

³² THORSTENSEN, Vera; PRADO, Victor. Da geoeconomia à geopolítica de Trump. *CEBRI-Revista*, 16 jun. 2025, 14. ed. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/195/da-geoeconomia-a-geopolitica-de-trump>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

³³ GONÇALVES, Marcos; MATTOS, Rafael. Neoprotecionismo e mudanças nas estruturas das cadeias globais de valor: qual o papel do G20?. *Revista do Direito do Comércio Internacional*, 7. ed. Disponível em: <https://revista.ibrac.org.br/rdci/issue/view/30/28>. Acesso em: 8 ago. 2024.

com o incremento do comércio e investimento somente com nações consideradas amigas (*friend-shoring*³⁴) ou próximas (*near-shoring*³⁵)³⁶.

O movimento neoprotecionista, portanto, não se limita apenas a medidas de caráter econômico, mas reflete também uma mudança estrutural na forma como os Estados Unidos passam a se posicionar no sistema multilateral de comércio. A ênfase em políticas de *reshoring*, *near-shoring* e *friend-shoring* revela uma preferência pelo uni e pelo bilateralismo em detrimento da lógica de interdependência global construída no mundo nas últimas décadas. Esse deslocamento estratégico, somado à intensificação do conflito comercial com a China, projeta consequências diretas sobre a governança do comércio internacional.

Em decorrência da postura do extremado unilateralismo norte-americano, o cenário dos mecanismos de comércio internacional, para Vera Thorstensen e Victor Prado, parece se dividir em duas hipóteses³⁷.

A primeira, seria a do colapso da OMC com a saída de outros países. Essa ideia é enfraquecida pelo apoio contínuo da União Europeia, Japão, Brasil e outros, que valorizam a função de transparência e diálogo

³⁴ *Friend-shoring*, o termo refere-se a uma nação com a qual o país tenha interesses geoeconômicos mútuos. (Tradução livre). GROVER, Arti; VÉZINA, Pierre-Louis. 2025. Geopolitical Fragmentation and Friendshoring: Evidence from Project-Level Foreign Investment Data. Policy Research Working Paper; 11149. World Bank. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10986/43383>. Acesso em 15 ago. 2025.

³⁵ “*Near-shoring* corresponde à prática de transferir a produção para um país vizinho ou geograficamente próximo ao país de origem”. (Tradução livre). LIMA, Orlem Pinheiro de; MADURO, Márcia Ribeiro; CORREIA FILHO, Wladimir Leite; GONÇALVES, Hiram de Melo; SIMONETTI, Gabriele Roberto; AMORIM, Apolo. Logistics and Global Strategy: Impacts of Offshoring, Nearshoring and Reshoring on Supply Chains. Revista de Gestão - RGSA, São Paulo (SP), v. 19, n. 2, p. e011218, 2025. Disponível em: <<https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/view/11218>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

³⁶ GONÇALVES, Marcos; MATTOS, Rafael. Neoprotecionismo e mudanças nas estruturas das cadeias globais de valor: qual o papel do G20?. *Revista do Direito do Comércio Internacional*, 7. ed. Disponível em: <https://revista.ibrac.org.br/rdci/issue/view/30/28>. Acesso em: 8 ago. 2024.

³⁷ THORSTENSEN, Vera; PRADO, Victor. Da geoeconomia à geopolítica de Trump. *CEBRI-Revista*, 16 jun. 2025, 14. ed. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/195/da-geoeconomia-a-geopolitica-de-trump>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

da OMC. O comércio global continua em grande parte (80%) baseado na Cláusula da Nação Mais Favorecida; e mesmo com um possível “*decoupling*” entre EUA e China, as regras multilaterais permanecem como base para o comércio entre os outros países e para a maioria dos acordos preferenciais, de acordo com a própria OMC³⁸.

A segunda hipótese, é a de uma OMC sem a liderança dos EUA. É pouco provável que os EUA reformem a organização “por dentro”, o que nos leva a um cenário de desengajamento ou até mesmo de saída formal. Nesse novo arranjo, o foco se move para o papel da China e das demais potências. O ponto central é como China, União Europeia e países como Japão, Coreia, Reino Unido, Índia e Brasil irão se coordenar para liderar a organização e moldar o futuro do comércio mundial, possivelmente renovando mecanismos importantes, como a solução de controvérsias.

Assim, ao se contrapor as duas hipóteses apresentadas, percebe-se que, embora a liderança norte-americana tenha historicamente desempenhado papel central no fortalecimento e expansão da OMC, a continuidade da instituição não parece depender exclusivamente da presença ativa dos Estados Unidos. O cenário mais provável parece ser a reestruturação das novas bases da governança global do comércio, com a possibilidade de aumento na participação de países emergentes.

4. Conclusão

Percebe-se, portanto, que a política industrial sempre esteve presente na trajetória dos Estados Unidos, ainda que sob roupagens distintas – explícita em momentos de crise, como no *New Deal*, ou velada, como no governo Reagan. A grande diferença do chamado “trumpismo” reside na forma unilateral e agressiva com que essas medidas são implementadas, rompendo com o multilateralismo e corroendo os próprios pilares do sistema internacional de comércio que os EUA ajudaram a construir no pós-guerra.

Embora políticas industriais sejam um instrumento legítimo de fortalecimento econômico e tecnológico, sua utilização desvinculada de coordenação internacional tende a gerar tensões comerciais e

³⁸ STEWART, Heather. *Trump tariffs will send global trade into reverse this year, warns WTO*. The Guardian, 16 abr. 2025. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2025/apr/16/trump-tariffs-will-send-global-trade-into-reverse-this-year-warns-wto>>. Acesso em: 15 ago. 2025.

instabilidade nas cadeias globais de valor³⁹. Nesse sentido, a estratégia de Trump não apenas contrasta com a tradição histórica de inserção internacional norte-americana, mas também fragiliza o espaço de diálogo e previsibilidade do comércio global, rompendo com a lógica cooperativa do comércio internacional e aumentando a instabilidade nos fluxos comerciais.

Além disso, o unilateralismo trumpista aprofunda a fragmentação das cadeias globais de valor, incentivando práticas como o *reshoring* e o *friend-shoring* de forma impositiva, sob pena de encarecer a produção e comprometer a eficiência do sistema globalizado⁴⁰. Tal postura, ainda que busque ganhos imediatos em setores específicos, ignora a interdependência econômica contemporânea e a necessidade de soluções coordenadas para desafios comuns, como mudanças climáticas, segurança energética e transição tecnológica. Com isso, cria-se um cenário que pode, inclusive, reduzir a competitividade dos próprios Estados Unidos.

Assim, resta claro que, embora o discurso oficial norte-americano aponte para a reindustrialização e para a proteção dos trabalhadores estadunidenses, os efeitos concretos tendem a ser mais limitados e potencialmente danosos no médio e longo prazo. O fortalecimento das indústrias tradicionais por meio de tarifas punitivas pode não compensar os custos de isolamento geopolítico.

A questão que se coloca, portanto, não é sobre a (i)legitimidade de políticas industriais, mas, sobre a forma como estão sendo concebidas e executadas. O desafio reside justamente em conciliar a defesa dos interesses nacionais com a manutenção de um comércio global estável e multilateral. Para que a política industrial cumpra seu papel de alavanca de desenvolvimento, é indispensável que ela seja acompanhada de diálogo internacional, previsibilidade regulatória e respeito às regras que garantem a integração econômica global.

³⁹ GONÇALVES, Marcos; MATTOS, Rafael. Neoprotecionismo e mudanças nas estruturas das cadeias globais de valor: qual o papel do G20?. *Revista do Direito do Comércio Internacional*, 7. ed. Disponível em: <https://revista.ibrac.org.br/rdci/issue/view/30/28>. Acesso em: 8 ago. 2024.

⁴⁰ GONÇALVES, Marcos; MATTOS, Rafael. Neoprotecionismo e mudanças nas estruturas das cadeias globais de valor: qual o papel do G20?. *Revista do Direito do Comércio Internacional*, 7. ed. Disponível em: <https://revista.ibrac.org.br/rdci/issue/view/30/28>. Acesso em: 8 ago. 2024.

Referências Bibliográficas

AMANTÉA, Rose. “*América grande novamente*”: os prós e os contras da estratégia protecionista de Trump. *Gazeta do Povo*, 12 fev. 2025. Disponível em: [<gazetadopovo.com.br/economia/protecionismo-trump-pros-contras-eua/>](https://gazetadopovo.com.br/economia/protecionismo-trump-pros-contras-eua/). Acesso em: 17 ago. 2025.

ARBIX, Glauco. A nova geração de política industrial do governo Biden. *Jornal USP*, 9 fev. 2023. Disponível em: [<jornal.usp.br/artigos/a-nova-geracao-de-politica-industrial-do-governo-biden/>](https://jornal.usp.br/artigos/a-nova-geracao-de-politica-industrial-do-governo-biden/). Acesso em: 15 ago. 2025.

BLACKWILL, Robert; HARRIS, Jennifer. *War by other means: geoeconomics and statecraft*. Cambridge: Harvard University Press, 2016. Cf. TROXELL, John F. *Geoeconomics*. Military Review, Army University Press, 2016. Disponível em: [<armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/China-Reader-Special-Edition-September-2021/Troxell-Geoeconomics/>](https://armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/China-Reader-Special-Edition-September-2021/Troxell-Geoeconomics/). Acesso em: 15 ago. 2025.

CELLI JUNIOR, Umberto. *A disfuncionalidade do sistema de solução de controvérsias da OMC*. Múltiplos olhares sobre o direito: homenagem aos 80 anos do Professor emérito Celso Lafer. Tradução . São Paulo: Quartier Latin, 2022. Acesso em: 15 ago. 2025.

CRUZ, Sebastião C. Velasco e. *1945-1984: ordem (e desordem) econômica internacional e nova estratégia comercial dos Estados Unidos*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – Cedec, 2009. (Cadernos Cedec, n. 82, Edição especial Cedec/INCT-INEU). Disponível em: cedec.org.br/wp-content/uploads/2022/04/CAD82.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2025.

FLETCHER, Ian; FASTEAU, Marc. *America's return to industrial policy*. Essays, Merion West, 17 out. 2024. Disponível em: [<merionwest.com/americas-return-to-industrial-policy/>](https://merionwest.com/americas-return-to-industrial-policy/). Acesso em: 5 set. 2025.

FLETCHER, Ian; FASTEAU, Marc. *Industrial policy for the United States: winning the competition for good jobs and high-value industries*. Cambridge: Cambridge University Press, 2 jan. 2025.

GONÇALVES, Marcos; MATTOS, Rafael. Neoprotecionismo e mudanças nas estruturas das cadeias globais de valor: qual o papel do G20?. *Revista do Direito do Comércio Internacional*, 7. ed. Disponível em: revista.ibrac.org.br/rdci/issue/view/30/28>. Acesso em: 8 ago. 2024.

GROVER, Arti; VÉZINA, Pierre-Louis. 2025. Geopolitical Fragmentation and Friendshoring: Evidence from Project-Level Foreign Investment Data. Policy Research Working Paper; 11149. World Bank. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10986/43383>. Acesso em 15 ago. 2025

LIMA, Orlem Pinheiro de; MADURO, Márcia Ribeiro; CORREIA FILHO, Wladimir Leite; GONÇALVES, Hiram de Melo; SIMONETTI, Gabriele Roberto; AMORIM, Apolo. Logistics and Global Strategy: Impacts of Offshoring, Nearshoring and Reshoring on Supply Chains. Revista de Gestão - RGSA, São Paulo (SP), v. 19, n. 2, p. e011218, 2025. Disponível em: < <https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/view/11218> >. Acesso em: 15 ago. 2025.

MENDES, Vinícius. *Como economia virou arma geopolítica de Trump e por que Brasil pode ser um grande perdedor*. BBC News Brasil, 28 ago. 2025. Disponível em: <bbc.com/portuguese/articles/cwy3n8pdxljo>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Normas do sistema multilateral de comércio*. 1 jan. 2015. Disponível em: <gov.br/mre/pt-br/assuntos/politica-externa-comercial-e-economica/organizacoes-economicas-internacionais/normas-do-sistema-multilateral-de-comercio>. Acesso em: 15 ago. 2025.

STEWART, Heather. *Trump tariffs will send global trade into reverse this year; warns WTO*. The Guardian, 16 abr. 2025. Disponível em: <theguardian.com/us-news/2025/apr/16/trump-tariffs-will-send-global-trade-into-reverse-this-year-warns-wto>. Acesso em: 15 ago. 2025.

THORSTENSEN, Vera; PRADO, Victor. Da geoeconomia à geopolítica de Trump. *CEBRI-Revista*, 16 jun. 2025, 14. ed. Disponível em: <cebri.org/revista/br/artigo/195/da-geoeconomia-a-geopolitica-de-trump>. Acesso em: 15 ago. 2025.

WORLD TRADE ORGANIZATION. The Doha Round. Disponível em: <wto.org/english/tratop_e/dda_e/dda_e.htm>. Acesso em: 15 ago. 2025.